



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO MATEMÁTICA E CIENTÍFICA
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS,
MATEMÁTICA E LINGUAGENS

**O DESAFIO DO PROFESSOR: IDENTIFICAR E INCLUIR O
ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO
ENSINO REGULAR**

ENY TAYNÁ MIRANDA CASEIRO

**BELÉM/PARÁ
2019**

ENY TAYNÁ MIRANDA CASEIRO

**O DESAFIO DO PROFESSOR: IDENTIFICAR E INCLUIR O ALUNO COM
ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO ENSINO REGULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará como exigência parcial para obtenção do título de licenciada em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Vilhena da Silva

BELÉM/PARÁ

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

C337d Caseiro, Eny Tayná Miranda
O desafio do professor : identificar e incluir o aluno com
altas habilidades/superdotação no ensino regular / Eny Tayná
Miranda Caseiro. — 2019.
27 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Maria de Fátima Vilhena da
Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Licenciatura Integrada em Educação em Ciências,
Matemáticas e Linguagens, Instituto de Educação
Matemática e Científica, Universidade Federal do Pará,
Belém, 2019.

1. Educação especial. 2. Inclusão. 3. Crianças superdotadas -
Educação.. 4. Professores - formação. I. Título.

CDD 371.9

**O DESAFIO DO PROFESSOR: IDENTIFICAR E INCLUIR O ALUNO COM
ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO ENSINO REGULAR**

ENY TAYNÁ MIRANDA CASEIRO

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Vilhena da Silva – Orientadora
Universidade Federal do Pará- UFPA

Profa. Espec. Silvia Caroline Salgado Pena – Membro Externo
PPGECM-UFPA

Profa. Me. Cleide Velasco Magno – Membro Interno
IEMCI-UFPA

Data de defesa:

16 /12 / 2019.

Conceito: Excelente.

O DESAFIO DO PROFESSOR: IDENTIFICAR E INCLUIR O ALUNO COM ALTAS HABILIDADES/SUPERDOTAÇÃO NO ENSINO REGULAR

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso devidamente corrigida e defendida por **ENY TAYNÁ MIRANDA CASEIRO** e aprovada pela Banca Examinadora.

Belém, 15 de janeiro de 2020.

A handwritten signature in blue ink, appearing to be 'Maria de Fatima Vilhena da Silva', with a long horizontal stroke extending to the right.

Profa . Dra . Maria de Fatima Vilhena da Silva (Orientadora)

Texto Final apresentado ao Instituto de Educação Matemática e Científica da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Educação em Ciências, Matemática e Linguagens.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu amado Criador Deus *Iahweh*, primeiro por ter sonhado junto comigo e segundo por tantos acréscimos que nunca me faltaram como a sua infinita misericórdia, compaixão, bondade, zelo e amor; que ao longo desses anos tem me conduzindo trilhar caminhos incríveis e por ter me sustentado nos momentos em que pensei em desistir e com isso certamente me ensinou que somente Ele basta, Deus basta para todos.

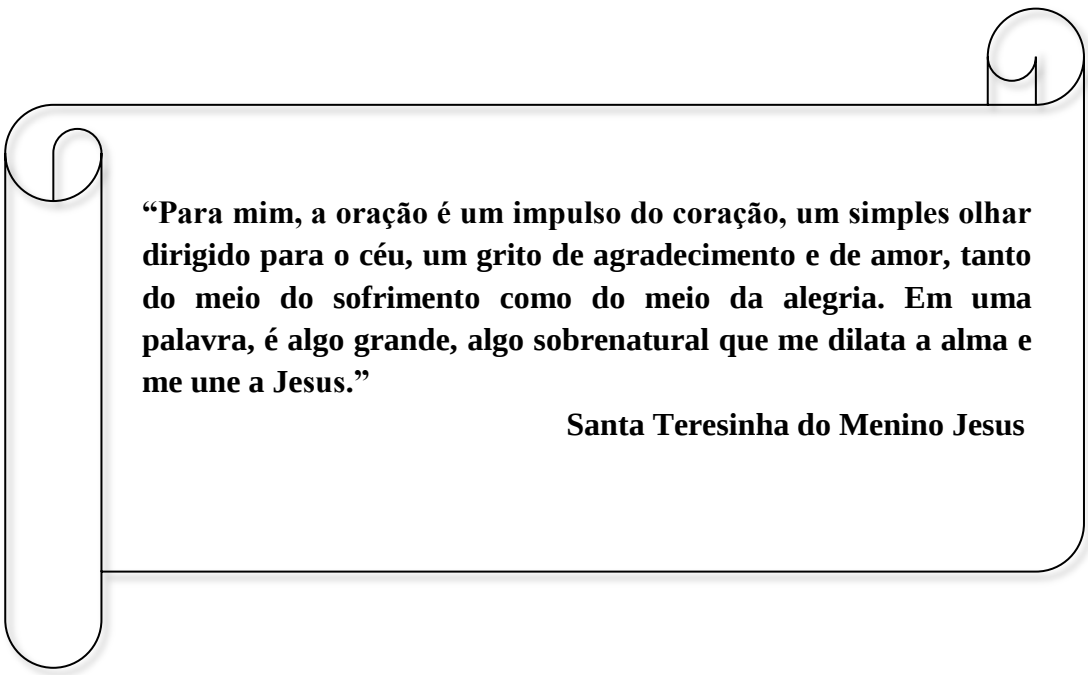
Agradeço à fiel e eterna intercessora celeste Nossa Senhora das Graças, por tantas graças que recebi ao longo desses 4 anos, por todos os abraços maternos e por todas as vezes que enxugou as minhas lágrimas.

Aos meus pais Eremita Miranda e Júnior Caseiro, e meu irmão Thyago Wesley, por todo o incentivo durante os anos de faculdade e por terem me ajudado durante toda a minha vida. Em especial à minha mãe Eremita Miranda, por ter vibrado juntamente comigo em todos os momentos tristes e felizes.

A Universidade Federal do Pará, seu corpo docente, direção e administração que oportunizaram a janela que hoje alcanço, pela confiança no mérito e ética aqui presente.

Quero agradecer também aos meus familiares e amigos, em especial às minhas primas Lorena Lopes e Lilian Lopes, por terem sempre me incentivado e acreditado que poderia ir além, e são grandes exemplos de vida a ser seguido.

Por fim, quero agradecer à minha orientadora Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Vilhena da Silva, por todo apoio e paciência ao longo de toda a elaboração do projeto e construção do artigo e que tanto me incentivou e ajudou durante os anos de graduação.



“Para mim, a oração é um impulso do coração, um simples olhar dirigido para o céu, um grito de agradecimento e de amor, tanto do meio do sofrimento como do meio da alegria. Em uma palavra, é algo grande, algo sobrenatural que me dilata a alma e me une a Jesus.”

Santa Teresinha do Menino Jesus

RESUMO

O tema proposto neste trabalho buscou identificar as dificuldades que o docente tem para perceber o aluno com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), através de pesquisas em artigos que abordam o tema. O estudo deste tema é importante para o processo da formação dos professores, pois os docentes necessitam saber como melhor trabalhar com os alunos com AH/SD. A metodologia utilizada para a elaboração deste artigo foi a pesquisa bibliográfica, por meio de artigos, legislação sobre políticas de educação inclusiva e artigos. Os resultados da pesquisa indicam que quanto mais cedo houver um diagnóstico e uma intervenção, maior será a chance de o aluno desenvolver suas potencialidades e ser incluso na sociedade. A inclusão é um caminho longo a ser percorrido, que embora já possua avanços, ainda há uma enorme necessidade de intervenções na prática educativa, apoio da família e políticas educacionais efetivas.

Palavras-chave: Altas habilidades. Formação de professores. Inclusão.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 METODOLOGIA	11
3 HISTÓRIA DAS ALTAS HABILIDADES NA EDUCAÇÃO.....	12
4 COMPREENDENDO AS ALTAS HABILIDADES E O ALUNO.....	13
5 O DESAFIO DO PROFESSOR: IDENTIFICAR E INCLUIR O ALUNO COM AH/SD	18
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
7 REFERÊNCIAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

O desenvolvimento deste projeto justifica-se devido à realização do estágio supervisionado I, no qual tive a experiência de observar um aluno dentro do espectro de altas habilidades/superdotação (AH/SD) e a realidade dos professores regentes, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Rosa Gattorno, localizada no Bairro do Guamá, e conseqüentemente comecei a buscar textos referentes a essa condição. E, a partir dessa busca e discussão despertou-me o interesse de investigar “O desafio do professor: identificar e incluir o aluno com altas habilidades/superdotação no ensino regular”. Seu desenvolvimento foi ao longo do eixo temático “Estágios de Docência I”, sob a orientação da professora Fátima Vilhena, na Universidade Federal do Pará.

Um dos objetivos é destacar o quão importante é para os professores, durante a sua graduação, ter uma formação de educação especial, para que assim possam reconhecer a existência desses alunos com altas habilidades/superdotação, visto que os alunos especiais ou com deficiências também necessitam de um atendimento metodológico especializado de uma forma inclusiva.

Vale ressaltar a importância de projetos dessa natureza no processo da formação dos professores, pois o professor atuará com uma reflexão importante para suas práticas educativas no ensino regular. Ao longo da trajetória da educação inclusiva no ensino regular é perceptível a dificuldade que os professores têm para identificar e incluir o aluno com AH/SD.

Altas habilidades/superdotação, de acordo com Renzulli (2004) e Virgolim (2007), a definição mais aceita é que são indivíduos que possuem facilidades de aprendizagem em diferentes áreas, seja isoladas ou combinadas. Destacam-se duas características importantes que encontramos nos indivíduos que possuem AH/SD: a facilidade de se engajarem em suas áreas de interesse e o alto potencial criativo.

AH/SD não é uma deficiência e nem um transtorno mental, mas esses indivíduos necessitam de um atendimento educacional especializado. O fundamento deste princípio é de cunho filosófico, pois objetiva o desenvolvimento

das potencialidades desses indivíduos, para que não haja desperdício das mesmas. Por isso, são amparados pela legislação federal, conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB):

A Lei 9394/96 com as modificações que se seguem o Art. 58 entende-se por educação especial, para os efeitos desta lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. (REDAÇÃO DADA PELA LEI nº 12.796, de 2013).

Isso exige mudanças estruturais nas escolas de ensino regular. Durante o desenvolvimento do estágio supervisionado I, foi perceptível que o indivíduo com AH/SD se encontrava em uma situação de exclusão na escola, tomando como referência os alunos de outras deficiências, visto que ainda é uma área pouco estudada (VIRGOLIM, 2007). Durante meu estágio, refleti sobre a importância de os professores terem, durante a graduação, uma formação de educação especial, mesmo que básica, para ao menos reconhecer a existência de alunos com AH/SD, pois estes necessitam de um atendimento metodológico mais especializado, de forma que os venha a incluir.

Diante dessas questões, este artigo apresenta o seguinte problema de pesquisa: Qual a importância para o educador em conhecer o assunto sobre altas habilidades e superdotação?

Para buscar resposta a esta problematização temos os seguintes objetivos:

- a) Objetivo Geral: Refletir sobre quais são os desafios que o professor encontra, em seu ambiente de trabalho, para identificar o aluno com altas habilidades/superdotação e lidar com este da maneira correta;
- b) Objetivo específico: Construir um referencial que possa compreender os aspectos educacionais relevantes que envolvem o processo de inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação.

O primeiro tópico deste artigo contém uma breve apresentação do contexto histórico das altas habilidades/superdotação na educação. No segundo, encontraremos a conceituação por meio de teorias e caracterização das Altas Habilidades/Superdotação. No terceiro tópico, é discutida a importância da

formação do professor para se trabalhar na área da Educação Especial especificamente na área das Altas Habilidades/Superdotação. Por fim, temos as considerações finais sobre o estudo.

2 METODOLOGIA

A presente elaboração deste artigo se caracteriza como estudo bibliográfico e utiliza referenciais obtidos em artigos, livros, periódicos e dissertações de mestrado nas quais se discute o tema em pauta. Para obter os dados, foi utilizado o site de busca Google. No *lôcus* de busca Google Acadêmico foram digitadas as palavras chave do tipo “superdotação”, “altas habilidades”, “formação de professor”, “super-heróis”, “talentos evidenciados” e “Inclusão”.

A pesquisa bibliográfica, ou de fontes secundárias, abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc. [...] Dessa forma, a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas propicia o exame de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras (LAKATOS E MARCONI, 2010, p.166).

Neste sentido, esta pesquisa bibliográfica é fundamentada teoricamente a partir das contribuições de autores especialistas e pesquisadores na área da AH/SD, tais como Renzulli (2004), Perez (2003), Alencar (2001), Gama (2006), Virgolim (2007), entre outros. Desenvolvem a fundamentação teórica, deste artigo, abordamos algumas reflexões sobre o contexto histórico AH/SD, as Altas habilidades/superdotação em sua conceituação e caracterização, e explana algumas soluções para os problemas no processo de inclusão no ensino regular e a importância do professor nesse processo.

3 HISTÓRIA DAS ALTAS HABILIDADES NA EDUCAÇÃO

As altas habilidades/superdotação (AH/SD) são um tema discutido desde a Grécia antiga. Em Atenas, uma das principais Cidades-Estado gregas, os indivíduos que possuísem uma “inteligência superior” recebiam atenções mais especializadas por parte do Estado, para que assim pudessem futuramente contribuir socialmente, gerando assim indivíduos com grandes lideranças sociais.

De acordo com Gama (2006), devido a toda essa oportunidade e estímulo para as pessoas que apresentavam alguma dotação especial, a sociedade ateniense gerou muitos cientistas, pensadores e artistas.

É possível observamos a existência desse fato, no seguinte relato do imperador da Turquia, meado ao século XV:

[...] fundou uma escola em um palácio em Constantinopla, enviando emissários por todo o império, a fim de recrutar meninos mais fortes e inteligentes, independente da classe social a que pertenciam, para nesta escola desenvolver de forma mais adequada seu potencial (WHITMORE, 1980, *apud* ALENCAR E FLEITH, 2001, p. 42).

Na idade moderna, com o sistema capitalista, surge um novo contexto que não se difere no quesito da valorização intelectual da sociedade ateniense, visto que também há uma forte valorização da inteligência. Dentro desse cenário, Gama (2006) aponta que surgiram os primeiros testes de quociente de inteligência (QI). Isso permitiu as primeiras pesquisas em crianças que apresentavam um desenvolvimento intelectual acima da média de sua idade.

Em 1940, inicia no Brasil, especificamente no estado de Minas Gerais, com a psicóloga e pedagoga Helena Antipoff, de origem russa, o primeiro programa com atendimento escolar para alunos que apresentavam AH/SD, o qual se sediava na Fazenda do Rosário. O programa tem o objetivo de estimular ideias inovadoras na área de educação especial, voltada para alunos com AH/SD. Pode-se constatar a partir da seguinte argumentação:

A partir da influência de Antipoff, no ano de 1967, o Ministério da Educação e Cultura (MEC) editou uma portaria, em que criou uma comissão que indicou um rol de critérios para que houvesse a identificação e, conseqüentemente, atendimento a esse alunado. (NOVAES, 1979)

Já nos anos 70 ocorreram grandes avanços, principalmente com a criação da Lei nº 5.692, de 11 de agosto de 1971, que no Art. 9º, preconiza: “Os alunos que apresentem deficiências físicas ou mentais, os que se encontrem em atraso considerável quanto à idade regular de matrícula e os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas fixadas pelos competentes Conselhos de Educação.” Esse foi o primeiro registro do termo “superdotado”. Posteriormente o Centro Nacional de Educação Especial (CENESP) passa a criar projetos voltados para alunos com AH/SD.

Em 2005, o Governo Federal cria em vários estados brasileiros os Núcleos de Atividades de Altas Habilidades/Superdotação (NAAHS), apesar de não ter muito sucesso. Os objetivos são promover a identificação, o atendimento e o desenvolvimento dos alunos com AH/SD, além de disseminar conhecimentos sobre a área nas escolas, na comunidade e nas famílias. Destaca-se “apoiar os alunos com AH/SD, os professores e a comunidade em geral, constituindo-se como um espaço para identificação da área de interesse do aluno e enriquecimento curricular” (BRASIL, 2006).

É interessante observarmos a importância que esses pequenos avanços trouxeram para a inclusão desses alunos, e é por meio do que indicam as políticas educacionais que esses alunos com AH/SD, começam a ganhar visibilidade e destaque nas ações a serem contempladas junto a esse campo da inclusão educativa.

4 COMPREENDENDO AS ALTAS HABILIDADES E O ALUNO

As altas habilidades/superdotação (AH/SD), na área da educação especial, são um tema que ainda vem ganhando reconhecimento, pois a AH/SD só passou a ser incluída no âmbito educacional a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB); por isso, especificamente no Brasil, é a legislação mais marcante para a história da superdotação, pois em 1971 a LDB 5.692 (BRASIL, 1971) passou a incluir os alunos superdotados; sendo assim, teriam que receber, obrigatoriamente, um tratamento especializado.

A AH/SD constantemente é estereotipada e é comum nos depararmos com definições equivocadas, visto que ao longo de sua história o termo superdotado

apresentou um caráter de remeter às pessoas diferentes como se fossem “super-heróis”, visto que esses indivíduos possuem uma inteligência elevada em uma área ou em diversas áreas curriculares. E por conta das rotulagens, criou-se a ideia que são indivíduos autossuficientes ao ponto de não necessitarem de assistência. Diante disso, passou-se a existir “a ótica da pessoa academicamente precoce e capaz de feitos maravilhosos” (VIRGOLIM, 2007, p. 11).

De acordo com Perez (2003, p. 3), quando falamos em AH/SD, é comum caracterizá-los de forma errônea, e alguns autores contribuem com essa visão errônea como Extremiana (2000), Gardner (2000) e Winner (1998); alguns argumentos reforçam as rotulações e conceitos errôneos, e muitos desses fundamentos são pautados nas teorias geneticistas e ambientalistas. A teoria geneticista ou inatista foi idealizada por Francis Galton, no ano de 1869; tal teoria basicamente se baseava em um mecanismo da transmissão dos caracteres entre as gerações, ou seja, acreditava que a inteligência era herdada, passando assim de forma hereditária.

Fundamentados nesta teoria, alguns autores afirmaram que “as altas habilidades são características exclusivamente genéticas” (EXTREMIANA, 2000; WINNER, 1998, *apud* PEREZ, 2003, p. 3). Essa afirmação não é comprovada pela ciência, visto que o mais aceitável atualmente é que a influência do meio em torno do desenvolvimento do saber é bem aceito pelos cientistas. Já a teoria ambientalista, desenvolvida na metade do século XIX, por Florence Nightingale, se fundamenta na ideia que o ambiente é capaz de determinar um caráter comportamental, ou seja, que o meio externo vai especialmente definir a capacidade intelectual do indivíduo.

Tal afirmação compartilha das discussões com outros teóricos, como por exemplo, “As altas habilidades são características que dependem exclusivamente do estímulo ambiental” (EXTREMIANA, 2000; WINNER, 1998, *apud* PEREZ, 2003, p. 3). Apesar dessas discussões, não há comprovação científica sobre essa questão, porque o indivíduo pode nascer com a habilidade, mas o “meio pelo meio” não contribui para um posterior desenvolvimento intelectual.

Atualmente, as definições mais aceitas por especialistas como Renzulli (2004) se consistem em pessoas que se caracterizam pela elevada potencialidade de aptidão e talentos evidenciados em uma ou em diversas áreas de atividades. Já para a Política Nacional em Educação Especial (1994), seriam indivíduos com

elevadas potencialidades em qualquer aspecto sendo de forma isolada ou combinada, tais aspectos que formam a capacidade intelectual geral que consistem na forma veloz do pensamento e da compreensão, além de uma memória e curiosidade elevadas e uma alta capacidade de abstração. Outro aspecto é a aptidão acadêmica específica, pois os indivíduos tendem a ter esse aspecto de apresentar uma maior motivação por disciplinas acadêmicas de seu interesse, tendo assim um excelente desempenho escolar.

A AH/SD é revelada em diversas áreas do conhecimento e, com isso, pessoas dentro desse espectro são consideradas como possuidoras de “inteligência múltipla” (GARDNER, 1995), ou seja, seria tanto no aspecto da pluralidade do conhecimento humano como no aspecto pensamento criativo que é a grande capacidade de imaginação, resolução inovadoras de situações e com originalidade de pensamento. E foi por meio de suas pesquisas que o psicólogo Gardner desenvolveu a sua teoria que define o termo inteligência, sendo dividido em nove tipos de inteligência: inteligência linguística, inteligência musical, inteligência lógico-matemática, inteligência espacial, inteligência corporal cinestésica, inteligência intrapessoal, inteligência interpessoal, inteligência naturalista e inteligência pictórica.

Diante dessas características, é importante destacá-las como a capacidade de liderança que tem uma excelente característica que é a relação interpessoal, cooperativa e um forte poder de persuasão. O talento especial artístico que apresenta desempenho em artes plásticas, visuais, cênicas, literárias e outras. E a capacidade psicomotora que está ligada ao esporte com agilidade de movimentos, coordenação, força e resistência. Pode-se afirmar que trabalhar com um indivíduo que possui AH/SD está além da visão tradicional acadêmica, que majoritariamente valoriza mais os conhecimentos linguísticos e matemáticos.

Vale ressaltar que o superdotado pode apresentar uma das capacidades de forma isolada ou combinada, sendo também que podem se manifestar com maior ou menor intensidade. Renzulli (1986) explica por meio do “modelo dos três anéis” que definem as crianças superdotadas e talentosas, como capazes de desenvolverem um conjunto de traços que podem ser aplicados a qualquer área potencialmente valiosa do desempenho. E o modelo dos três anéis (Figura 1) é dividido da seguinte forma:

Figura 1 – Representação do modelo dos três anéis de Renzulli



Fonte: Diagrama dos três anéis de Renzulli adaptado de Renzulli (1978) pela autora.

A capacidade acima da média resumidamente relaciona a habilidade de pensamento abstrato no processo de informação geral e específico, juntamente com a aplicação de diversas combinações de habilidades gerais com uma mais específica, como a dança, a liderança e a música. Já o envolvimento com a tarefa é quando há um investimento de energia em uma determinada área como autoconfiança, perseverança e atitudes. Por fim, temos a criatividade, que é considerada um dos aspectos determinantes na personalidade do indivíduo que se destaca em uma área do saber mais específica.

É interessante destacar que Renzulli (1986) afirma que nenhum desses aspectos pode ser considerado mais ou menos importante que o outro. Porém, para identificar a superdotação, existe a necessidade do indivíduo evidenciar ao menos um aspecto, visto que os outros traços poderão ser desenvolvidos nos programas educacionais especializados.

Os superdotados são indivíduos que apresentam capacidades mentais mais elevadas do que a população em geral, ou seja, são aqueles que possuem habilidades especiais em comparação a outras pessoas com características similares, por exemplo, com a mesma idade. De acordo com a definição (MEC, 2001):

Altas habilidades/superdotação: grande facilidade de aprendizagem que o leve a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes e que, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos deve receber desafios suplementares em classe comum, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para concluir, em menor tempo, a série ou etapa escolar. (BRASIL, MEC/SEESP, 2001, p. 39).

Conforme a discussão acima, trabalhar com pessoas AH/SD requer derrubar mitos, de que esses indivíduos chamados de superdotados, são gênios com capacidades raras, só possuem mais facilidade do que a maioria, em determinadas áreas. E que o fato de terem raciocínio veloz não diminui o trabalho do professor. Ao contrário, esses alunos precisam de mais estímulo para manter o interesse pela escola e desenvolver a sua habilidade, caso contrário podem até se evadir do ambiente escolar. Por isso, existe necessidade de identificar e avaliar o aluno superdotado, para proporcionar instrumentos que possam auxiliar nesse processo de assistência e estímulo desse aluno dentro do espaço da escola.

Em 2006, o Governo Federal disponibilizou para os professores uma das cartilhas “Saberes e práticas de inclusão - Desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação” que ressaltava algumas características que eram comuns aos alunos com altas habilidades/superdotação; tal cartilha teve como fundamentação os autores Alencar e Fleith (2001). Os pontos abordados pelos autores na referida cartilha reportam-se às pessoas com altas habilidades e superdotação as seguintes características, tais como:

- Grande curiosidade a respeito de objetos, situações ou eventos, com envolvimento em muitos tipos de atividades exploratórias;
- Auto-iniciativa: tendência a começar sozinho as atividades, a perseguir interesses individuais e a procurar direção própria;
- Originalidade de expressão oral e escrita, com produção constante de respostas diferentes e ideias não estereotipadas;
- Talento incomum para expressão em artes, como música, dança, teatro, desenho e outras;
- Habilidade para apresentar alternativas de soluções, com flexibilidade de pensamento;
- Abertura para realidade, busca de se manter a par do que o cerca, sagacidade e capacidade de observação;
- Capacidade de enriquecimento com situações-problema, de seleção de respostas, de busca de soluções para problemas difíceis ou complexos;

- Capacidade para usar o conhecimento e as informações, na busca de novas associações, combinando elementos, ideias e experiências de forma peculiar;
- Capacidade de julgamento e avaliação superiores, ponderação e busca de respostas lógicas, percepção de implicações e consequências, facilidade de decisão;
- Produção de ideias e respostas variadas, gosto pelo aperfeiçoamento das soluções encontradas;
- Gosto por correr risco em várias atividades;
- Habilidade em ver relações entre fatos, informações ou conceitos aparentemente não relacionados;
- Aprendizado rápido, fácil e eficiente, especialmente no campo de sua habilidade e interesse.

Diante das características citadas nota-se que a “superdotação é um conceito ou constructo psicológico a ser inferido a partir de uma constelação de traços ou características de uma pessoa” (ALENCAR, 2001, p. 52). Isto significa que não é algo que se pode afirmar de uma hora para outra que um aluno tem AH/SD: é necessário ter cautela, haja vista que exige ter um acompanhamento clínico composto por uma equipe multidisciplinar, formada por psicólogo, pedagogo, especialistas em altas habilidade/superdotação.

5 O DESAFIO DO PROFESSOR: IDENTIFICAR E INCLUIR O ALUNO COM AH/SD

Por meio da Declaração de Salamanca (1994), os estudos das necessidades educacionais especiais (NEE), passam a ser bastante destacados.

A Declaração de Salamanca (1994) tem como fatores fundamentais:

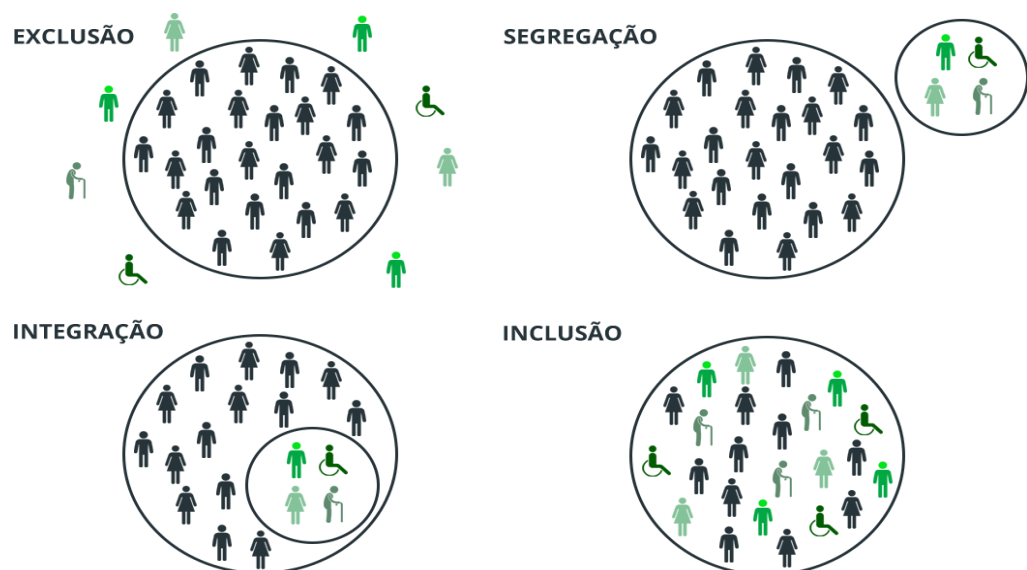
Toda criança tem direito fundamental à educação, e lhe deve ser dada a oportunidade de atingir e manter o nível adequado de aprendizagem. Toda criança possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas. Sistemas educacionais deveriam ser designados e programas educacionais deveriam ser implementados no sentido de se levar em conta a vasta diversidade de tais características e necessidades. Aqueles com necessidades educacionais especiais devem ter acesso à escola regular, que deve acomodá-los dentro de uma pedagogia centrada na criança, capaz de satisfazer a tais necessidades. Escolas regulares que possuam tal orientação inclusiva constituem os meios mais eficazes de combater atitudes discriminatórias criando-se comunidades mais acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos; além disso, tais escolas prove em uma educação

efetiva à maioria das crianças aprimoram a eficiência e, em última instância, o custo da eficácia de todo o sistema educacional (MEC, 1994).

O princípio fundamental aponta que todos os indivíduos têm direito à educação, independentemente de ser um sujeito com necessidades educacionais especiais, porque todos possuem características e interesses únicos, que tornam a aprendizagem singular.

Durante o período da história da educação brasileira, se observa que o espaço escolar para atender os alunos com deficiência, segundo Sassaki (2006) pontua as quatro fases que ocorreram na história da inclusão: exclusão, segregação, integração e inclusão. Conforme ilustração da figura 2 temos as fases na história da inclusão:

Figura 02 – Representação das fases na história da inclusão



Fonte: <http://paralisados.com.br/img/info-soc-full.png>. Acesso em: 2 nov. 2019. Autor: SASSAKI, 2006. Livro “Inclusão: construindo uma sociedade para todos”.

1. Na fase da exclusão: os alunos não tinham nenhum tipo de acesso ao meio escolar.
2. Na segregação: o aluno com necessidades especiais passou a ser inserido no ambiente escolar, porém em instituições específicas para atender este aluno com necessidades especiais, pois neste momento houve a criação do ensino regular para os alunos “ditos normais”.

3. Na integração: os alunos com necessidades especiais estavam na mesma instituição de ensino que os demais alunos “ditos normais”, todavia se encontravam em salas diferentes.
4. E na inclusão: contexto atual da educação os alunos com necessidades especiais se encontram estudando juntos com os “ditos normais”.

É diante desse novo contexto de uma escola inclusiva que existe a necessidade de os professores do ensino regular buscarem uma formação na área da educação inclusiva, para que possam garantir verdadeiramente a inclusão desses alunos. Uma vez que será exigido da docência um olhar diferenciado em sala de aula, os professores assumem o papel de agente facilitador no processo de ensino-aprendizagem do aluno. É fundamental destacar que:

Por educação especial, modalidade da educação escolar, entende-se um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica. (BRASIL, 2001, p. 1)

O aluno que possui altas habilidades/superdotação dificilmente tem consciência do seu talento e, devido a isso, a maioria desses indivíduos não tem a oportunidade de explorar as suas altas habilidades. Diante deste cenário, o docente passa a ser primordial na vida deste aluno, e um dos desafios para AH/SD é justamente ter professores com o mínimo de sensibilidade, para reconhecer o aluno com essa condição.

Pois, conforme afirmam Freitas e Negrini (2008, p. 282) muitos desses alunos com AH/SD passam despercebidos por todo o sistema de ensino e uma das consequências de não serem identificados para serem estimulados, é que se tornam indivíduos com fracasso acadêmico, uma vez que o âmbito escolar passa a ser desinteressante e acabam se afastando.

Um dos problemas que podemos encontrar dentro das salas de aula é a falta de inclusão desses alunos com AH/SD, pois por falta de preparo os educadores desenvolvem práticas excludentes que são ocasionadas por vários fatores, conforme é destacado por Virgolim (2007, p. 17):

Fatores que se associam ao sub-rendimento do Sistema Educacional:

- Ambiente acadêmico pouco estimulante;
- Métodos de ensino centrados no professor;
- Excesso de exercícios repetitivos;
- Baixas expectativas do professor com relação ao desempenho do aluno;
- Pressão ao conformismo;
- Procedimentos docentes rígidos, com padronização do conteúdo, aliado ao pressuposto de que todos os alunos devem aprender no mesmo ritmo e de mesma forma.

As práticas excludentes iniciam quando o professor não reconhece a existência do aluno com AH/SD, então não busca adaptar as atividades, e isso faz com que os alunos superdotados fiquem cada vez mais desmotivados com o sistema de ensino; é comum ocorrer com uma parcela dos professores, porque não sabem como lidar com esta situação. Segundo Virgolim (2007, p. 17) a visão que se destaca é “de que o superdotado dispõe de recursos suficientes para desenvolver o seu potencial, sendo desnecessário propiciar-lhe um ambiente especial em termos de instrução diferenciada, apoio e oportunidades”.

É necessário que o docente busque ter uma formação básica em educação especial, pois é por meio deste conhecimento que poderá desenvolver técnicas e estratégias de ensino que possam auxiliar esses alunos em seu desenvolvimento, e assim terá um ensino eficaz que estimule as habilidades identificadas. A LDB destaca a relevância dessa formação, em seu artigo 59:

Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com necessidades especiais:

[...]

III – professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses

educandos nas classes comuns; - LDBE - Lei nº 9.394 de 20 de Dezembro de 1996.

Diante disso, de acordo com Virgolim (2007, p. 9), é essencial a atuação do professor, uma vez que sua tarefa enquanto educador é de conhecer os interesses, as necessidades e as peculiaridades do aluno com AH/SD, para assim dar oportunidade para o discente construir o próprio conhecimento conforme o seu ritmo e com isso transforma suas potencialidades.

É interessante que os professores durante a sua graduação tenham uma formação em educação especial, mesmo que básica para que possam reconhecer a existência de alunos que necessitam de um atendimento metodológico mais especializado, para que assim possam inclui os alunos, conforme destacam Freitas e Pérez:

O professor no cotidiano escolar precisa reconhecer e responder às necessidades diversificadas de seus alunos, bem como trabalhar diferentes 'potencialidades', estilos e ritmos de aprendizagem, assegurando com isso uma educação de qualidade (FREITAS E PÉREZ, 2010, p. 5).

Sabe-se que existe pouca discussão sobre o tema das AH/SD dentro das universidades, que formam uma vasta gama de professores anualmente e, conseqüentemente, grande parte desses professores saem de seus cursos de licenciatura desconhecendo a forma de condução do processo de ensino-aprendizagem desses alunos; em virtude disso, quando se deparam em um contexto de sala de aula, com alunos AH/SD, certamente acabam comprometendo o desenvolvimento do aluno. Ressalto novamente o quanto é essencial o educador compreender a superdotação em seus aspectos mais básico. Virgolim (2007) afirma que:

[...] Os educadores devem colocar tais fatores em prática, da seguinte maneira: (a) agindo como uma fonte de informação; (b) desenvolvendo o desejo natural da criança de aprender; e (c) proporcionando-lhe um ambiente seguro onde ela possa exercitar e aperfeiçoar suas habilidades mentais. E, em adição a tudo isso, estimular as crianças a manterem uma mente aberta. (VIRGOLIM, 2007, p. 15)

Os professores são responsáveis pela educação e desenvolvimento do aluno, então têm que estar cientes dessa responsabilidade, para que isto venha a acontecer é necessário cultivar a curiosidade desses alunos, para assim motivá-los a buscar novas estratégias e construir seus próprios caminhos em busca do saber.

Os pais, juntamente com os educadores, possuem um papel fundamental dentro desse processo formativo. Virgolim (2007, p. 16) ressalta que os pais e os professores são essenciais neste processo formativo, visto que quando ambos trabalham em conjunto conseguem estimular a criança a ter autoconfiança, determinação, raciocínio e criatividade.

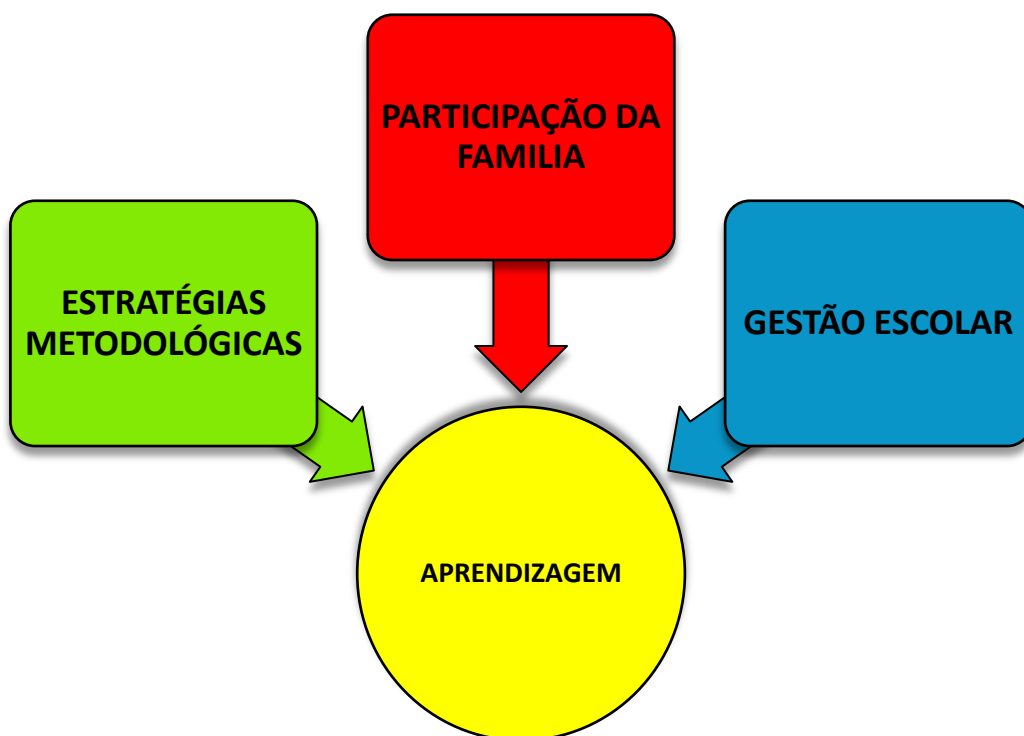
É de suma importância pontuar que os professores não são os únicos responsáveis para que haja uma identificação diagnóstica do indivíduo com AH/SD. Pois, para que haja essa identificação, é necessária a colaboração de um conjunto de análise que deve ser formado por especialistas, família e escola. Uma identificação e uma avaliação mais eficazes, por exemplo, podem ocorrer no programa de Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos com AH/SD, por meio de testes psicométricos, escalas características, questionários, observação comportamental, entrevista com a família e professores.

Todas essas ferramentas, quando trabalhadas conjuntamente, certamente contribuem com uma aprendizagem mais eficiente e estimulam ainda mais a criatividade desse aluno e com isso o mesmo terá uma melhor motivação. Segundo Virgolim (2007), podemos afirmar que:

Identificar talentos diversos e assegurar condições para seu desenvolvimento são compromissos a serem abraçados pelo educador. Para tal, são necessárias políticas públicas que viabilizem tanto a formação continuada do professor, quanto propostas educacionais de qualidade que assegurem oportunidades de aprendizagem, treinamento e prática para os alunos que se sobressaem. Esta é a via para diminuir o tremendo desperdício de potencial humano, que se observa no país, com efeitos devastadores para o indivíduo e sociedade brasileira. (VIRGOLIM, 2007, p. 23)

As questões levantadas por Virgolim (2007) vão ao encontro do conjunto de responsabilidade pela aprendizagem do aluno com AH/SD apresentada na figura 3 em que, além da escola, educadores e suas metodologias também é muito importante fazer parte deste rol a família.

Figura 03 – Representação dos principais responsáveis pela aprendizagem do aluno com AH/SD.



Fonte: CASEIRO, elaborado em Dezembro de 2019.

Desta feita, ressaltamos a necessidade de desenvolver uma educação de qualidade, levando em conta a tríade políticas públicas-escola-família de forma que venha a incluir, de fato, os alunos AH/SD no processo educacional do ensino, haja vista que esses indivíduos têm sofrido exclusão, por parte de todo o sistema de ensino. Também, não se pode deixar de mencionar a necessidade de oferta de disciplinas em cursos de formação inicial, voltadas para AH/SD como também para outras questões relacionadas a transtornos globais ou deficiências.

Outra questão que se pode levantar é o desinteresse do educador com a sua própria re-qualificação quando apoiado no seu comodismo não busca uma formação continuada e/ou não tem o recurso necessário para receber essa formação, pois muitas vezes as escolas públicas de ensino regular não oferecem suportes essenciais para propor aos educadores uma formação básica.

Enfim, para alcançarmos a aprendizagem do sujeito com AH/SD, é de suma necessidade a colaboração: do educador com suas estratégias metodológicas, da família encorajando e apoiando seus filhos, da gestão escolar dando o suporte necessário tanto ao aluno como ao professor, e a efetivação das políticas educacionais que regulam os princípios da educação especial e da inclusão.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre AH/SD requer derrubar mitos, de que esses indivíduos chamados de superdotados, são gênios com capacidades raras, pois eles só possuem mais facilidade do que a maioria, em determinadas áreas, sendo de forma isolada ou combinada. Destacamos que o fato de terem raciocínio veloz, não diminui o trabalho do professor. Ao contrário, esses alunos precisam de mais estímulo para manter o interesse pela escola e desenvolver a sua habilidade e criatividade, se não podem até se evadir.

Por isso a necessidade da escola trabalhar junto com a família, para assim identificar e avaliar o aluno quando demonstra elevada potencialidade de aptidão e fortes talentos em uma ou em diversas áreas de atividades. Sendo esses aspectos identificados, a escola precisa proporcionar instrumentos aos alunos para serem assistidos e estimulados dentro do espaço escolar, como criação de oficinas na área de informática, nas artes plástica, na produção textual, na música e outros. Contudo, essa condição ainda é um desafio aos educadores no processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais.

O educador precisa conhecer os impasses dos seus alunos superdotados, pois a dificuldade de o aluno AH/SD se relacionar bem na escola regular ou permanecer nela pode ser um princípio social ou emocional, uma vez que o seu processo intelectual é acima da média. Para isto, a formação do educador necessita preferencialmente ser na área da educação especial com especialização em altas habilidades/superdotação (AH/SD), mas se isso não ocorre o docente pode buscar auxílio com os profissionais do Atendimento Educacional Especializado (AEE), visto que assim, o processo de identificação e atendimento

do aluno será eficiente. E o aluno tem maiores chances de se sentir motivado a estar na escola.

É imprescindível destacar os avanços que a educação inclusiva já alcançou, uma vez que não havia o mesmo espaço como temos atualmente. Hoje sabemos que incluir não é somente matricular o aluno na escola de ensino regular, a inclusão ocorre quando indivíduo AH/SD ou com deficiência permanece na escola e alcança o desenvolvimento juntamente com os demais alunos ditos “normais”. Todavia só é possível quando os professores do ensino regular assumem novas posturas capazes de compreender e intervir nos diferentes contextos educacionais.

7 REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S.: **Superdotação: determinantes, educação e ajustamento**. São Paulo: EPU, 2001.

ALENCAR, E. S.: **Criatividade e educação de superdotados**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. **Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências**. Brasília, DF: 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 08 de dezembro de 2018.

BRASIL, Secretaria de Educação Especial. **Adaptações curriculares em ação: desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais de alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. Brasília: MEC; SEESP, 2001.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão : desenvolvendo competências para o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos com altas habilidades/superdotação**. [2. ed.]. Brasília : MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006. 143 p. (Série : Saberes e práticas da inclusão)

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA. **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**. Espanha, 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso: em 27 de Out. 2019.

FREITAS, S. N.; PÉREZ, S. G. P. B.: **Altas Habilidades/Superdotação: atendimento educacional especializado**. Marília: ABPEE, 2010.

FREITAS, S. N.; NEGRINI, T.: **A identificação e a inclusão de alunos com características de altas habilidades/superdotação: discussões pertinentes**. **Revista “Educação Especial”**, Santa Maria, n. 32, p. 273-284, 2008. Disponível em: <<http://www.ufsm.br/revistaeducacaoespecial>>. Acesso em: 26/11/2019.

GAMA, M. C. S. S.: **Educação de Superdotados: teoria e prática**. São Paulo: EPU, 2006.

IMBERNÓN, F.: **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e incerteza**. 6ª ed. SP: Cortez, 2006.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.: **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Altas habilidades/superdotação: encorajando potenciais**. Volume 1, 2 e 3. Angela M. R Virgolim. Brasília, DF. 2007.

NOVAES, M. H.: **Desenvolvimento psicológico do superdotado**. São Paulo: Atlas, 1979.

PEREZ, S. G. P. B.: Mitos e crenças sobre as pessoas com altas habilidades: alguns aspectos que dificultam o seu atendimento. **Revista do Centro de Educação**, n. 22, p. 1-10, 2003.

RENZULLI, S.; REIS, S. M.: A concepção dos três anéis da superdotação: um modelo de desenvolvimento para a produtividade criativa. **O leitor da tríade**. Connecticut: Aprendizagem Criativa, 1986.

RENZULLI, J. S.: O que é esta coisa chamada superdotação, e como a desenvolvemos? Uma retrospectiva de vinte e cinco anos. In: **Revista Educação**. Porto Alegre/RS. PUCRS, ano XXVII, n. 1 (52). jan/abr. 2004. p. 75-131.

SCALABRIN, I. C. *et al.*: A importância da prática do estágio supervisionado nas licenciaturas. **Revista UNAR**, 2013.

SASSAKI, R. K.: **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.